

Concertos. Evento decorre até dia 27 em Belém e na Gulbenkian

Jerónimos ouve Stockhausen na abertura do Música Viva 2008

Festival faz ampla mostra das múltiplas faces da vanguarda musical

BERNARDO MARIANO

A Igreja dos Jerónimos recebe esta noite (22.00) o concerto de abertura (entrada livre) do 14.º Festival Música Viva, iniciativa da Miso Music em co-produção com a Fundação CCB.

Pedro Amaral dirige a Orquestra Metropolitana (contando ainda com um dispositivo electrónico) em duas obras de Stockhausen (1928-2007): *Mixtur 2003* (revisão do original de 1964; estreia em Portugal), nas suas duas versões (original e retrogradada); e *Gesang der Jünglinge* (1956). Obras que Amaral define como “dois marcos”. E explica: “*Gesang der Jünglinge* [só para dispositivo electrónico] é o máximo da poética serial antes da chegada das formas abertas”, ao passo que *Mixtur* “é verdadeiramente aberta na forma e no sistema”. Mas em 2003 algo mudou: “Stockhausen decidiu redigir a partitura completa [até aí, era uma sucessão de momentos com muitas possibilidades de improvisação e ordenação], mas quis manter algo da liberdade da obra original”. Daí as versões “original” e “retrogradada” [tocada de trás para a frente] que iremos ouvir. Amaral descobre neste concerto a propriedade da frase “cada concerto é um ritual”, de Stockhausen: “porque



A Orquestra Metropolitana faz a estreia portuguesa de 'Mixtur', de Stockhausen

se ouve um só autor, o concerto acaba como começou e pelo próprio espaço”. Neste, Amaral salienta “a acústica brutal, a reverberação ímpar – como um *Steinway* acústico!”. Ali, “nos muitos momentos de suspensão do som em que se ouve apenas as reminiscências e os *glissandi* da electrónica, obtém-se o gesto de uma forma monumental”. Daí “a experiência radical e única” da sua audição: “difícil, mas fascinante.”

Dos ensaios, diz que “a orquestra no primeiro dia está às aranhas, porque é uma obra muito complexa no ritmo e na intonação”. Agora só falta “a grande lição de Celibidache [maestro romeno]: adaptar a interpretação à acústica daquela catedral”.

A Metropolitana estará “dividida em quatro grupos: madeiras, cordas com arco, cordas em *pizzicato* e metais; e três percussões atrás”. A cada grupo “está associado um músico,

cuja função é operar sinusóides, fazer a modulação em anel”. A soma e a diferença das frequências do som orquestral e das adicionadas faz com que se obtenha “uma permanente ‘desfocagem’ do timbre, que está sempre a receber harmónicos”, diz.

Stockhausen dizia sobre *Mixtur*: “quem quiser ouvir bem, feche os olhos”. Amaral está “completamente de acordo” com essa forma de experienciar a obra. ■

ETAPAS DE UM FESTIVAL DE MÚSICA NOVA

DIA 20 Sond'Ar-te Electric Ensemble na Sala Luís de Freitas Branco do CCB (17.00); às 21.00, Orquestra Gulbenkian toca “a nova tradição” (Grande Auditório da Fundação)

DIA 23 Recital de violino e electrónica na Sala de Ensaio do CCB (19.00); concerto Orquestra de Altifalantes I no Pequeno Auditório (21.00)

DIA 24 Vox Vocis na Sala de Ensaio do CCB (19.00); Quasars Ensemble+Orquestra de Altifalantes II (Peq. Auditório, 21.00)

DIA 25 recital de clarinete e electrónica (Sala de Ensaio, 19.00); Orq. Altifalantes III (Peq. Auditório, 21.00)

DIA 26 Quinteto Diaphonia na Sala de Ensaio (19.00); Crash Ensemble no Peq. Audit. (21.00)

DIA 27 Smith Quartet na Sala Luís de Freitas Branco (21.00)

E AINDA... performances para teclas e computador (20 e 27, CCB); teatro electroacústico para crianças (23 a 27, CCB); *Interactive Lounge* (CCB, de 20 a 27) e *Sound Walk* (caminho pedonal CCB, de 20 a 27)